

**Na Trilha do Patrimônio Industrial -
Galópolis**

Relatório de Pesquisa

20/01/2026

Dra. Ana Paula de Almeida

RELATÓRIO DE PESQUISA NA TRILHA DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL - GALÓPOLIS

Dra. Ana Paula de Almeida

A pesquisa *“Na Trilha do Patrimônio Industrial - Galópolis”* tem como ponto central identificar e inventariar o patrimônio industrial do bairro Galópolis, importante região no processo de industrialização de Caxias do Sul, que desde sua fundação como Colônia, ainda em 1875, quando chegaram os primeiros imigrantes italianos, se destacou pelas atividades produtivas e se tornou um polo de referência em diferentes períodos históricos.

Nos primeiros tempos, a cidade tornou-se centro de intensa produção agrícola, que aliada ao semi-isolamento geográfico, de então, forçou o advento da pequena indústria, assim diversificou atividades, desenvolvendo também o comércio, as pequenas oficinas e o artesanato.

Um setor de destaque no período de 1875 a 1910 na história de Caxias do Sul, é o segmento têxtil, representado pela Companhia Lanifício São Pedro, localizada em Galópolis. Constituída em 1894 como uma cooperativa têxtil, a Cooperativa Têxtil Società Tevere e Novità, formada por um grupo de imigrantes italianos, operários expulsos do Lanifício Rossi da cidade de Schio, província de Vicenza, e imigrantes que já moravam na localidade de Galópolis, na Colônia Caxias. Adquirida em 1904 por Hércules Galló, passou por diferentes momentos e administrações nos anos que seguiram, sendo hoje a Cootegal, uma cooperativa como nos primeiros tempos de sua constituição, criou uma relação intrínseca com a comunidade do bairro Galópolis até os dias atuais,

Galópolis, uma das regiões administrativas de Caxias do Sul-RS, está localizada na porção sul do município e divide-se entre as zonas rural e urbana, sendo que a zona urbana fica às margens da BR-116. A história de Galópolis se constitui a partir da fábrica, o Lanifício São Pedro. Dessa forma, a pesquisa realizada durante a execução do projeto “Na Trilha do Patrimônio Industrial - Galópolis”, nos leva a conhecer uma paisagem cultural que foi se transformando a partir da indústria, um verdadeiro tesouro do patrimônio industrial. A partir da sua paisagem cultural é possível observar as dinâmicas sociais, as relações da fábrica com o seu entorno, a transmissão de habilidades, as inovações tecnológicas, os modos de vida, diferentes categorias que compõem o patrimônio industrial de uma comunidade.

O patrimônio industrial abrange uma extraordinária variedade de componentes de diversas origens, materiais e imateriais, compreendendo documentos, papéis e arquivos de empresa, saberes técnico e produtivos tácitos e codificados; desenhos, modelos e produtos; redes de energia e comunicação; máquinas e equipamentos, edifícios, locais e complexos de produção de grande porte, instalações residenciais, educacionais, beneficentes, culturais, religiosas, recreativas; sítios industriais abandonados, áreas e paisagens moldadas pela industrialização (Fontana; Martins, 2012, p. 1).

Essa constatação foi possível por meio de uma pesquisa histórico-documental sobre a região de Galópolis que partiu da consulta de fontes bibliográficas, fotográficas, história oral, hemeroteca e documentos históricos. Como fontes bibliográficas destaco as produções das pesquisadoras: Vania Beatriz Merlotti Herédia com a obra *“Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana”* e Geovana Erlo com a dissertação *“Museu de Território de Galópolis: uma estratégia para a preservação do patrimônio industrial e identidade local”*, que contribuíram para a construção da narrativa histórica de Galópolis, elemento base para a elaboração do roteiro das visitas mediadas aos patrimônios industriais e significativos de Galópolis.

Como testemunhos da história industrial de Galópolis foram elencados 11 patrimônios: Instituto Hércules Galló, Lanifício São Pedro atual Cootegal, Arroio Pinhal, Vinhos Pranzo, Vila Operária, Escola Ismael Chaves Barcellos, Círculo Operário, Cooperativa de Consumo, Moinho Galópolis S.A. (Roseflor), Sindicato dos

Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem do Distrito de Galópolis e o Hotel da Família Basso.

Alguns moradores de Galópolis foram entrevistados como Elzio Tisotti ex-funcionário do Lanifício São Pedro, Família Basso do Hotel, e Canalle ex-funcionário dos Vinhos Pranzo. Por meio das entrevistas de história oral foi possível compreender as transformações na região de Galópolis, para além dos processos econômicos. A dinâmica social e as relações estabelecidas dentro e fora da fábrica, aspectos também relevantes para compreender a importância do patrimônio industrial.

Possibilitar que os moradores de Galópolis participam do “*Na Trilha do Patrimônio Industrial - Galópolis*”, a partir das entrevistas, é uma forma de conscientizar a sociedade sobre a importância que cada indivíduo tem para a construção da História; desenvolve-se o senso de pertencimento e valorização do patrimônio, pois deixa de ser um patrimônio do outro para se transformar em patrimônio próprio pois: “o interesse e a dedicação do público pelo patrimônio industrial e a apreciação do seu valor constituem os meios mais seguros para assegurar a sua preservação” (Carta de Nizhny Tagil, 2003).

Figura 01 – Entrevistas de história oral com moradores do bairro de Galópolis - 2025



Fonte: a autora (2025).

Figura 02 – Entrevistas de história oral com moradores do bairro de Galópolis - 2025



Fonte: a autora (2025).

Figura 03 – Entrevistas de história oral com moradores do bairro de Galópolis - 2025



Fonte: a autora (2025).

Outro aspecto que merece destaque durante a pesquisa foram as visitas técnicas, realizadas nos patrimônios, tornando-se uma pesquisa de campo, com a realização de registros fotográficos e, quando possível, uma conversa com os atuais proprietários, pois alguns prédios históricos foram revitalizados e continuam em uso. Esse momento possibilitou conhecer a história desses locais e a atual relação que eles estabelecem com a comunidade, sendo possível analisar as mudanças e permanências dessas relações.

Figura 04 e 05 – Visita Técnica ao Instituto Hércules Galló - 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)



Fonte: Liliane Giordano (2025)

Figura 06 – Visita Técnica na Cootegal (Lanifício São Pedro) - 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)

Assim, a região de Galópolis revela-se um grande território educativo, uma paisagem cultural, um meio natural ao qual o ser humano em sua vivência deixou

registros de suas ações, sua forma de agir e de se expressar. Nesse sentido, o patrimônio industrial está intimamente relacionado à essa paisagem cultural, pois pode ser entendido como um produto da apropriação e transformação do homem sobre a natureza. Paisagens que contém elementos industriais servem de documento, possibilitando a apreensão de aspectos importantes, pois agem como um testemunho e são referências, na medida em que explicam a cultura que lhe deu forma, expondo os símbolos, sua representatividade técnica e social.

O convite é para olhar Galópolis como um documento a ser lido e interpretado. E a leitura desse documento inicia com a constituição da Cooperativa Têxtil Società Tevere e Novità em 1894, assim como a incorporação de outras indústrias como os Vinhos Pranzo, e o Moinho Galópolis, além de outros vestígios identificados como derivados do seu processo de industrialização.

1 - Instituto Hércules Galló

Segundo a história de Galópolis, foram 56 famílias que inicialmente se estabeleceram nesses lotes. Apesar dos terrenos acidentados, as famílias cuidaram da terra adquirida. Esse local, devido à sua situação geográfica, foi chamada inicialmente de Vale del Profondo, mais tarde Cascata da Quarta Léguas, Desvio do Morro, Le Machine, passando a se chamar Galópolis, muito tempo mais tarde em homenagem a Hércules Galló, imigrante italiano que contribuiu para o desenvolvimento da região.

Hércules Galló adquiriu a cooperativa têxtil em 1904, trouxe consigo da Itália a experiência do Lanifício do pai. Hércules Galló reorganizou a antiga cooperativa e, em 1910, a Companhia de Tecidos de Lã de Hércules Galló, como foi chamada, já se encontrava entre as maiores indústrias têxteis do Estado do Rio Grande do Sul.

Atualmente as duas casas pertencentes a Hércules Galló e sua família, uma de 1903 e a outra de 1908, são ocupadas pelo Instituto Hércules Galló, que nasceu da vontade dos descendentes de Hércules Galló de preservar a memória do empreendedor do setor têxtil da Serra Gaúcha. O propósito do Instituto é ser tutor do conjunto de residências restauradas, mas também transformar o local em um centro voltado à cultura e à memória.

Figura 07 – Instituto Hércules Galló - 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)

Figura 08 – Primeira casa de Hércules Galló de 1904. Hoje restaurada faz parte do Instituto Hércules Galló - 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)

2 - Lanifício São Pedro - Cootegal

O Lanifício foi fundado por um grupo de imigrantes italianos que se uniu com imigrantes, que já moravam na região, formando uma cooperativa, a Cooperativa Têxtil Società Tevere e Novità. Esse grupo de imigrantes italianos, provenientes da cidade de Schio, província de Vicenza, em 08 de março de 1891, havia partido da Itália e eram operários expulsos do Lanifício Rossi, decorrente de um protesto gerado pela redução de 20% dos seus salários.

Nos primeiros tempos que se instalaram nos lotes coloniais dedicaram-se à agricultura até o momento em que perceberam que esta atividade não lhes oferecia o lucro imaginado, devido à situação geográfica montanhosa. Dessa forma, esses colonos imigrantes reuniram um capital para a construção da cooperativa, assim, em 1894, a ideia começou a ganhar forma. José Berno retornou da antiga pátria com vários teares comprados em uma tecelagem italiana que havia falido.

Construíram um pequeno barracão no local escolhido pelos fundadores próximo ao Arroio Pinhal. A fábrica foi inaugurada em 29 de janeiro de 1898, sendo que a fiação era feita a mão e desenvolvida pelas mulheres em casa. Apresentando uma série de dificuldades, a cooperativa que produzia panos de lã, funcionou até 1904, quando foi comprada por Hércules Galló. Em 1911 foi realizada a instalação de uma turbina hidroelétrica com capacidade suficiente para acionar todo o equipamento e fornecer energia elétrica à população.

No ano de 1912 Hércules Galló fez uma fusão com a firma Chaves & Almeida. Em uma das viagens de Galló à Europa encontrou Pedro Chaves Barcellos de onde saiu a ideia da fusão. Nessa viagem Galló aproveitou para providenciar novos maquinários para a empresa.

Ainda durante a administração de Hércules Galló, a localidade do entorno do lanifício recebeu benfeitorias como a construção de casas pela fábrica para abrigar os operários, tendo em vista a dificuldade de transporte coletivo, a falta de estradas viáveis e os gastos de locomoção, mantendo a mão de obra, principalmente a especializada; formava-se, assim, a Vila Operária. Além da moradia, a fábrica tinha o controle sob as demais instituições de que participavam os operários no seu cotidiano, como a cooperativa, a igreja, a escola, o sindicato (Herédia, 2017).

Nessa época são contratados vários mestres tecelões italianos para trabalharem na fábrica, entre eles Matteo Gianella, que mais tarde se destacaria como um dos industriais do ramo têxtil.

Em 13 de agosto de 1913, a sociedade se efetivou dando origem à firma Chaves Irmãos & Cia. Apesar da fábrica velha ter sido o início da indústria têxtil na região colonial, a fusão representava a ampliação nos meios de produção e, conseqüentemente, a melhoria nas condições de vida na vila. No ano de 1915 a fábrica trabalhava com 180 operários entre homens e mulheres. Possuía 45 máquinas de tecelagem em suas imponentes edificações, fabricando sarjas, panos de damas, flanelas e baetilhas, como também ponchos, capas, palas, cobertores e xales.

O Lanifício São Pedro era o único no Brasil que produzia as famosas capas impermeáveis Cruzeiro do Sul. Também se especializou na manufatura de panos militares. Fabricava em larga escala lãs e fios para bordados e malharias em geral com as marcas Bambina e Rosa. Em 1928, a família Chaves Barcellos tornou-se a única proprietária do Lanifício após a compra das ações da família Galló, denominando-se Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro.

Depois de passar por muitas fases, a indústria têxtil, hoje Cootegal, é especializada na fabricação de fios e tecidos de lã e mistos para vestuário, decoração, calçados, entre outros. Ao circular por seu parque fabril, é possível perceber muitos elementos que fizeram parte do processo histórico não só da indústria têxtil, mas da própria comunidade de Galópolis.

Além do maquinário, a imponente chaminé pode ser vista de vários ângulos das ruas internas da fábrica com o símbolo das chaves cruzadas cunhado no alto dos seus 45 metros de altura, lembrando a administração dos Chaves & Almeida. Também é possível ver um dos nomes do lanifício, de 1928, Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro, inscrita na fachada da indústria. viraram símbolo de toda uma comunidade que se formou no seu entorno, e elementos que contam a história da indústria têxtil, vestígios do patrimônio industrial de Caxias do Sul.

Muitas são as memórias dos moradores de Galópolis sobre a fábrica e sua importância para a comunidade, em especial para seu Elzio¹, ex-funcionário e filho de funcionário do Lanifício, Elzio relata sua passagem pela fábrica.

Eu me formei no quinto ano dia 11 de dezembro e no dia 13 de dezembro, eu entrei na firma, porque eram pessoas escolhidas. O chefe do Lanifício, que era o João Lerner Spinatto, ele pedia para a irmã: como que era tal aluno. E o meu pai já era contra-mestre, era meio puxa saco talvez, e eu em 13 de dezembro de 1960 entrei na firma. [...] eu ganhava meio salário mínimo, porque eu era menor. Eu tive que trabalhar dois anos por meio salário mínimo, depois de dois anos, eu peguei um salário maior. [...] depois de quatro anos me transferiram para a tecelagem, eu fiquei lá por 25 anos.

A relação de uma indústria com o seu território constrói, ao longo do tempo, uma história de laços profundos, seja do ponto de vista social, urbano ou educacional. Elzio Tisott em seu relato conta-nos sobre as relações para além dos muros da fábrica:

Ele fez a igreja, ele tirou o campo de futebol, que era lá na igreja. No futebol tu não podia jogar em outro time, tinha que jogar no time de Galópolis. Se te vissem jogar em outro time, ele te chamava lá no escritório e dizia: você tem que defender as nossas cores, não a cor dos outros times. Porque o futebol foi muito importante em Galópolis, o futebol, o cinema. [...]. Então o divertimento que nós tínhamos era o futebol e o cinema, depois não sei se antes ou depois ou naquela época, foi construído o Círculo para o empregado se entreter. Então lá tinha barbeiro, salão de baile, restaurante, pingue-pongue, biblioteca [...].

A narrativa de Elzio Tisott é uma referência à constante relação entre a indústria e a cidade. Por meio dessa relação é possível narrar a História do trabalho e dos trabalhadores, da arquitetura, do design, da paisagem, das máquinas e ferramentas, da História técnica, social, econômica e de outras dimensões ainda relacionadas aos eventos do patrimônio industrial.

¹ Entrevista de história oral realizada com Elzio Tisott ex-funcionário do Lanifício São Pedro e sua esposa Sueli.

Figura 09 –Lanifício São Pedro, atual Cootegal - 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)

Figura 10 – Lanifício São Pedro, atual Cootegal. Destaque para a chaminé - um vestígio de patrimônio industrial - 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)

Figura 11 – Lanifício São Pedro, atual Cootegal. Destaque para a turbina Suíça para produzir energia elétrica - um vestígio de patrimônio industrial - 2025



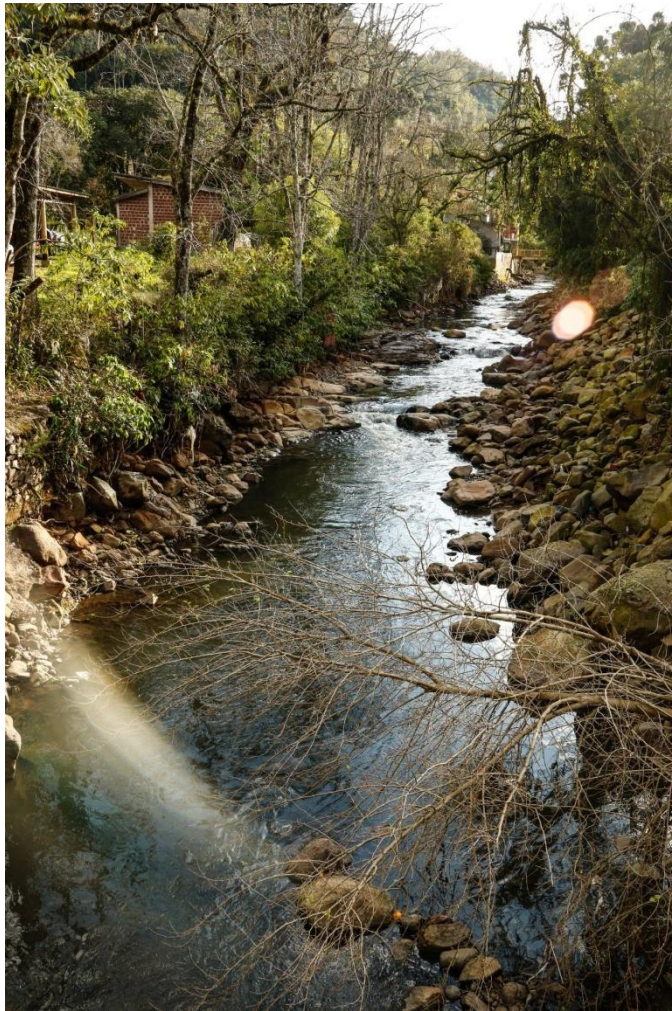
Fonte: Liliane Giordano (2025)

3 - Arroio Pinhal

Construir o barracão próximo ao Arroio Pinhal foi identificado como local ideal, pois o Arroio poderia gerar a energia necessária para o funcionamento dos teares de madeira. Utilizavam o canal existente que trazia a água para um açude construído por eles, que lhes era útil no serviço de lavagem e de tinturaria.

O Arroio Pinhal, nesse processo de industrialização, teve uma relevância muito importante, além de mover os teares, servir de local para lavagem e tinturaria, ele foi a força motriz para gerar energia elétrica para a fábrica e no período da noite para a comunidade de Galópolis, sendo assim, um importante patrimônio industrial natural da comunidade.

Figura 12 – Arroio Pinhal - 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)

4 - Vinhos Pranzo

A Vinícola João Comerlato & Cia. Ltda., que produzia a marca Vinhos Pranzo, foi um dos destaques da economia de Galópolis. Fundada no início do Século XX por João Comerlato. Em 1946 passou para os filhos Lodovino, Olímpio e Zeferino, que encerraram as atividades da Vinícola em 1980.

A Vinícola produzia vinhos, licores, conhaques e vermouths. Tinha um ponto de venda em Porto Alegre, onde era realizado o engarrafamento de grande parte da produção. Possuía também um centro de distribuição em São Paulo em uma área de 45 mil m², de onde abastecia a região Sudeste do país.

Como boa parte das empresas da época, a vinícola tinha na Festa da Uva uma forma de divulgação de seus produtos. Os Vinhos Pranzo participaram da Festa de Uva tanto expondo seus produtos como participando do curso alegórico.

Figura 13 – Vinícola João Comerlato & Cia. Ltda. - Anos de 1970.



Fonte: Acervo de Maria Lourdes Diligenti Comerlato acessada em matéria do Jornal Pioneiro 15/02/2023: [João Comerlato & Cia Ltda: os Vinhos Pranzo em 1975 | Pioneiro](#)

Figura 14 – Filial da empresa em Porto Alegre, onde funcionava um posto de vendas.



Fonte: Álbum Centenário da Imigração Italiana (1875-1975)

Figura 15 – Detalhe dos engradados e dos vinhos e produtos Pranzo



Fonte: Álbum Centenário da Imigração Italiana (1875-1975)

5 - Vila Operária

Durante a administração do Lanifício por parte de Hércules Galló, muito foi feito pela localidade, com o objetivo de promover a prosperidade da indústria da zona colonial. Foram construídas casas pela fábrica para abrigar os operários, as quais eram alugadas simbolicamente, permitindo a manutenção da força de trabalho no local, tendo em vista a dificuldade de transporte coletivo, a distância de Caxias, a falta de estradas viáveis e os gastos de locomoção.

A Vila Operária começou a ser construída a partir de 1912, com a fusão da Companhia de Tecidos com os Chaves & Almeida. As primeiras casas da vila operária foram construídas para abrigar mão-de-obra estrangeira contratada pela fábrica, a fim de mover os novos teares mecânicos comprados na Europa. As casas destinavam-se aos mestres contratados por Galló, na Itália, assim quando chegavam para trabalhar no lanifício, já encontravam uma moradia organizada para habitar.

Com a formação da sociedade Chaves & Irmãos, os novos proprietários decidiram implantar um plano habitacional que garantisse a fixação da mão-de-obra em torno da fábrica. A criação de uma vila operária garantia a fixação e a imobilização da mão-de-obra especializada.

As primeiras casas eram de madeira, e as dimensões variavam, eram casas de dois e três cômodos, possuíam um jardim e uma horta. A manutenção e a

conservação das casas eram feitas pela fábrica que dispunha de pessoal específico para esse fim.

Quem estabelecia o direito dos operários sobre as casas era, no primeiro momento, a direção ou os seus representantes. Havia uma lista para a ocupação das casas, e as indicações eram feitas também pelos mestres, segundo as inscrições feitas na gerência pelos operários. Esses se inscreviam e em geral eram aceitos devido à necessidade de força de trabalho.

A fábrica possuía 80 casas e abrangeu o número máximo de 116 casas. Os moradores pagavam um aluguel simbólico, variável, conforme a área construída de cada casa e o cargo na fábrica. As despesas de água e luz eram controladas pela fábrica. As casas foram construídas uma ao lado da outra, iguais, germinadas, ocupando quarteirão inteiro, aproveitando os terrenos da fábrica.

Figura 16 – Vista da Vila Operária, 2025.



Fonte: Liliane Giordano (2025)

6 - Escola Ismael Chaves Barcellos

O Lanifício atribuiu à escola como elemento de formação da mão-de-obra. Após a tentativa de cursos noturno aos operários e a participação dos filhos dos mesmos em escolas instituídas pelo Estado, no final de 1933, o gerente da fábrica

assinou um contrato com os padres Josefinos para a instalação de um colégio religioso que atendesse aos interesses da população de Galópolis.

Essa escola chamada de Colégio Chaves Irmãos, funcionou de 1934 a 1937, sob a direção da ordem religiosa Pia Sociedade São José, com atendimento exclusivo para crianças do sexo masculino. No mesmo ano, a fábrica fundou o Colégio Manoela Chaves para alunas do sexo feminino, sendo que essa escola foi totalmente destruída em um incêndio.

Um desentendimento de um dos padres com o gerente da fábrica, ocasionou o fechamento da escola. Assumindo as duas escolas, as irmãs do Imaculado Coração de Maria. A fábrica mantinha estreitos laços com a escola, uma vez que a financiou e tinha interesses de oferecer alguns serviços aos seus operários. Entre esses serviços estavam incluídos o funcionamento de um Jardim da Infância que aceitava crianças dos três aos sete anos, possibilitando a mão-de-obra feminina trabalho de um turno completo na fábrica; cursos de aperfeiçoamento de corte e costura; curso de datilografia etc.

Essa escola permaneceu em Galópolis por quase 40 anos, sempre a serviço de sua comunidade e de sua mantenedora. O patrimônio da escola foi vendido ao governo estadual, sendo instalado nesse prédio atualmente a escola estadual do bairro Galópolis.

Durante uma entrevista de história oral realizada com Elzio Tisott ex-funcionário do Lanifício São Pedro e sua esposa Sueli, Elzio relata como iniciou na fábrica a partir do seu comportamento e desempenho na escola:

Eu me formei no quinto ano dia 11 de dezembro e no dia 13 de dezembro, eu entrei na firma, porque eram pessoas escolhidas. O chefe do Lanifício, que era o João Lerner Spinatto, ele pedia para a irmã: como que era tal aluno. E o meu pai já era contra-mestre, era meio puxa saco talvez, e eu em 13 de dezembro de 1960 entrei na firma. [...] eu ganhava meio salário mínimo, porque eu era menor. Eu tive que trabalhar dois anos por meio salário mínimo, depois de dois anos, eu peguei um salário maior. [...] depois de quatro anos me transferiram para a tecelagem, eu fiquei lá por 25 anos.²

Figura 17 – Vista do prédio da Escola Ismael Chaves Barcellos, 2025.

² Entrevista de história oral realizada com Elzio Tisott ex-funcionário do Lanifício São Pedro e sua esposa Sueli.



Fonte: Liliane Giordano (2025)

7 - Círculo Operário

Em novembro de 1929, foi fundado o Círculo de Leitura que mais tarde se transformou no Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, em homenagem ao Diretor Presidente da Companhia. O Círculo Operário era uma forma de amenizar os conflitos entre capital e trabalho. A transformação do Círculo de Leitura em Círculo Operário era proveniente da preocupação do pároco local com a expansão do movimento sindicalista no Brasil e a divulgação de ideias comunistas.

O Círculo Operário proporcionou aos seus associados além de assistência médica, farmacêutica e jurídica, uma assistência profissional que resultou na organização da Associação Profissional de Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem e, mais tarde, na criação do seu sindicato. Também estimulou a organização de uma cooperativa e de uma caixa de socorros mútuos para auxiliar doentes, família de sócio falecido e ainda tratar de problemas referentes à habitação.

Essa instituição social tinha uma proposta de lazer que abrangia uma série de jogos com a finalidade de entreter e divertir seus associados. Entre eles o jogo de bochas, pingue-pongue, jogos de mesa e o futebol. O Círculo Operário ainda

contava com uma biblioteca, um restaurante, um salão de festas onde ocorriam os casamentos e as festas da vila. A grande vantagem dos sócios em relação a esses serviços era que a fábrica os subvencionava, facilitando o acesso a todos.

Mais tarde o prédio do Círculo Operário foi ocupado para área administrativa da fábrica e depósito durante o período de administração pelo Lanifício Sehbe. Atualmente o prédio encontra-se em processo de restauração para uso pela comunidade de Galópolis.

Em uma conversa com Sueli e Elzio Tissot, os dois compartilharam que realizaram a festa de casamento no Círculo, e Elzio exibe em seu contracheque o desconto de sócio do Círculo, mas lamenta a perda do Círculo quando a fábrica foi assumida pelo Sehbe, considerando um local importante da comunidade.

Figura 18 – Vista do prédio onde funcionou o Círculo Operário, 2025.



Fonte: Liliane Giordano (2025)

8 - Cooperativa de Consumo

Organizada inicialmente por sugestão do Gerente Sr. Pery Paternoster. Com 279 associados, deu-se início à Cooperativa de Consumo São Pedro Ltda., essa atividade nascia com o intuito de melhorar as condições de vida dos operários, sem

intenções de lucro, eliminando o papel intermediário comerciante, devido à localização da vila distante da sede urbana de Caxias. Essa empresa comercial barateava os gêneros de primeira necessidade, garantindo aos operários alimentação básica a preço de custo, com a possibilidade de pagamento a crédito.

O senhor Elzio Tissot comenta sobre a Cooperativa durante o período que trabalhou na fábrica: *“Os 600 empregados compravam na Cooperativa, tinha um caderno. No fim do ano se dava lucro, eles davam um rancho. Ele repartia o lucro que dava na Cooperativa. Onde tem o Café Galópolis, era a enfermaria, em cima era creche, o ambulatório.”*

Hoje uma parte do prédio da Cooperativa de Consumo é ocupado pelo Café Galópolis, um local bem conhecido e destacado pelo atendimento e curiosidades no Menu, como o famoso canudinho doce ou salgado.

Figura 19 – Vista do prédio onde funcionou a Cooperativa de Consumo, 2025.



Fonte: Liliane Giordano (2025)

9 - Moinho Santa Terezinha - Moinho Galópolis S.A. (Roseflor)

Moinhos Galópolis S.A., tradicional empresa de moagem de trigo do Sul do Brasil, iniciou suas atividades em 20 de fevereiro 1949, quando agricultores da região fundaram a Cooperativa Tritícola Galópolis, no então distrito de Galópolis em Caxias do Sul/RS.

Naquela época o moinho contava com apenas quatro cilindros movidos por motor a diesel e silos com pequena capacidade. A partir da necessidade de ampliação, o moinho teve sua razão social alterada para Moinhos Galópolis Ltda. e em seguida para Moinhos Galópolis S.A., proporcionando investimentos que resultaram no aumento de sua capacidade e na modernização de todo o processo de produção. Destacando-se com as marcas de farinha de trigo Rosa e Rainha.

Figura 20 – Fachada do Moinho Galópolis, detalhe para as marcas das farinhas produzidas.



Fonte: Acervo Roseflor

Figura 21 - Fachada do Moinho Galópolis S.A.



Fonte: Acervo Roseflor

Hoje, com equipamentos de última geração e um moderno complexo industrial, a Roseflor Alimento conta com duas unidades localizadas em Caxias do Sul e Porto Alegre. Mais de 25.000 toneladas de trigo por mês podem ser processadas e transformadas em diversos tipos de farinhas extraindo-se também fibras e subprodutos

Desde sua fundação, a empresa Moinhos Galópolis S.A. tem por objetivo orientar-se por métodos produtivos sempre atualizados. Investe em máquinas e equipamentos avançados para garantir a tradicional e reconhecida qualidade de seus produtos. Conta com um completo e moderno laboratório que proporciona rigoroso controle de qualidade de todo processo produtivo, desde a escolha dos grãos até o uso final de seus produtos.

10 - Hotel Família Basso

Adquirido pela família Basso em 1952, era ponto de parada de viajantes e local de encontro dos moradores de Galópolis, principalmente os homens após a missa. Conhecidos pela excelente comida caseira. A senhora Sueli Tissot lembra que frequentava o hotel: *“eu ia quase todas as noites na churrascaria, com o seu pai, lá embaixo. Eu almoçava no Restaurante do Boff, com oito anos eu almoçava, café da manhã, janta, tudo lá, porque a minha mãe trabalhava na fábrica, e eu era pequena, meu irmão estava estudando e às vezes ficava em casa, mas a gente não tinha como fazer comida, nós éramos pequenos os dois”*

O relato de Sueli retrata como a comunidade de Galópolis foi se organizando a partir da dinâmica da fábrica, a importância do hotel, não era só para os viajantes que percorriam a BR 116, mas para atender as demandas da comunidade geradas pela fábrica.

Figura 22 - Hotel da Família Basso, 2025



Fonte: Fábio Schmidt (2025)

11 - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem do Distrito de Galópolis

Em fevereiro de 1942 os operários de Galópolis recebem a carta de reconhecimento do seu sindicato, sendo esse o sindicato distrital mais antigo do País. A partir dessa data, inicia-se um movimento dentro da vila para sindicalizar os operários, pois a formação de um sindicato que controlasse a força de trabalho e agisse dentro dos limites da Justiça do Trabalho, era um passo importante no processo de organização dos trabalhadores.

Em 1945 houve pela primeira vez a discussão do sindicato com a fábrica, referente às leis de férias e à demissão de empregados baseados nos estatutos da entidade que solicitava prazo para a defesa dos operários demitidos. A partir dessa data, o sindicato assume um papel representativo dos interesses da categoria nas questões salariais e nas questões concernentes às condições de trabalho, instituídas pelas leis trabalhistas.

As negociações dos salários, até então estabelecidas pela fábrica e mais tarde pelo governo, passam a ser discutidas também pelos operários, desencadeando a participação ativa dos operários no Sindicato.

Figura 23 - Fachada do Sindico, 2025



Fonte: Liliane Giordano (2025)

Referências Bibliográficas

CARTA DE NIZH TAGIL sobre o patrimônio industrial. Revista Óculum Ensaios, Campinas: Puccamp, trad. Cristina Meneguello, 17 jul. 2003.

ERLO, Geovana. Museu de Território de Galópolis: uma estratégia para a preservação do patrimônio industrial e identidade local. 2019. Disponível em: [Museu de Território de Galópolis : uma estratégia para a preservação do patrimônio industrial e identidade local](#)

FONTANA, Giovanni Luigi; MARTINS, Claudia Marun Mascarenhas. Da História ao Projeto: metodologia para a análise do patrimônio industrial e boas práticas na reabilitação da Company Towns na Itália e no Brasil. Uma experiência em desenvolvimento. In: TICCIB BRASIL. VI Colóquio Latino Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial. São Paulo, 2012.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Processo de industrialização da zona colonial italiana. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.

SARTORETTO, Marivania L.; VALDUGA, Paula. Caxias do Sul - História e Cultura nos Distritos. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 2025.

Jornal Pioneiro. Matéria veiculada em 15/02/2023: [João Comerlato & Cia Ltda: os Vinhos Pranzo em 1975 | Pioneiro](#). Acesso em 15 de agosto de 2025.